

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO
ESPECIALIZAÇÃO – RELIGIOSIDADES AFRO-BRASILEIRAS:
POLÍTICA DE IGUALDADE RACIAL EM AMBIENTE ESCOLAR**

THAIS SILVA MARTINS

**NOTAS SOBRE SINCRETISMO RELIGIOSO: UM ESTUDO SOBRE ASPECTOS
CULTURAIS E RELIGIOSOS AFRO-BRASILEIROS**

**JUIZ DE FORA
2016**

THAIS SILVA MARTINS

**NOTAS SOBRE SINCRETISMO RELIGIOSO: UM ESTUDO SOBRE ASPECTOS
CULTURAIS E RELIGIOSOS AFRO-BRASILEIROS**

**Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Programa de Pós-
graduação em Religiões e
Religiosidades Afro-Brasileira: Política
de Igualdade Racial em Ambiente
Escolar da Universidade Federal de
Juiz de Fora, sob orientação do
professor Volney Berkenbrock.**

**JUIZ DE FORA
2016**

Thais Silva Martins

NOTAS SOBRE SINCRETISMO RELIGIOSO: UM ESTUDO SOBRE ASPECTOS
CULTURAIS E RELIGIOSOS AFRO-BRASILEIROS

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Programa de Pós-
graduação em Ciência da Religião da
Universidade Federal de Juiz de Fora
como requisito parcial a obtenção do grau
de Especialista na área de Religiões e
Religiosidades Afro-brasileiras: Política de
Igualdade Racial em Ambiente Escolar.

Aprovada em ____ / ____ / ____

Banca Examinadora

Dr. Volney Berkenbrock – Orientador
Universidade Federal de Juiz de Fora

Dr. Robert Daibert Júnior
Universidade Federal de Juiz de Fora

Sem as mãos de Deus em minha vida nenhuma linha desse trabalho seria escrita, a Ele dedico todas vitórias que me foram concedidas e entregues pelas mãos da Virgem Maria.

AGRADECIMENTOS

Agradeço inicialmente a Deus que me conduziu a essa pós-graduação me capacitou durante os estudos a fim de aumentar meus conhecimentos profissionais como educadora e também como missionária e a Virgem Maria que estendeu seu manto me conduzindo no caminho a ser seguido.

Aos padres Antônio Pereira Gaio e Pierre Mauricio meus amigos e orientadores espirituais que a todo o momento me incentivaram a prosseguir.

As tutoras de modo especial a Kelly Rabello pelo incentivo e fundamental apoio durante o processo de produção desse trabalho e ao orientador Volney Berkenbrock por partilhar seus ricos conhecimentos e de forma brilhante me orientar.

A minha família pela compreensão e apoio na minha correria de sexta-feira e sábado para cumprir a jornada de estudos e a todos os meus amigos que carinho e presença não me deixavam desistir.

“Eu sou o Senhor, e não há outro; fora de mim não há Deus; eu te cingirei, ainda que tu não me conheças; Para que se saiba desde o nascente do sol, e desde o poente, que fora de mim não há outro; eu sou o Senhor, e não há outro.”

(Isaias 45:5-6)

RESUMO

Temos um país extremamente sincrético onde a gama de religiões é muito ampla, as leituras nos permitem concluir que efetivamente o cristianismo puro jamais existiu sendo assim as religiões se misturam e se entrelaçam em algum ponto se coincidem em certos elementos, rituais, crenças. O objetivo do presente trabalho é fazer um estudo analisando a possível origem do sincretismo religioso no Brasil, buscando entender os aspectos culturais e religiosos de maneira específica entre o Catolicismo e as religiões de matriz africana. Compreendendo as vertentes do sincretismo buscando também analisar a forte presença da Virgem Maria em diferentes cultos de matriz africana.

Palavras-chave: Sincretismo. Afro-brasileiro. Virgem Maria.

ABSTRACT

We have an extremely syncretic country where the range of religions is very wide, the readings allow us to conclude that effectively pure Christianity never existed thus religions intermingle and intertwine at some point if coincide in certain elements, rituals, beliefs. The objective of this study is to make a study analyzing the possible origin of religious syncretism in Brazil, seeking to understand the cultural and religious aspects of specific way between Catholicism and religions of African origin. Understanding syncretism sheds also seeking to analyze the strong presence of the Virgin Mary in different cults of African origin.

Keywords: Syncretism. Afro-Brazilian. Virgin Mary.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

1 CASTIGO DOS ESCRAVOS NO PELOURINHO RJ DÉCADA 1820	14
2 CASA AMIGOS DA PAZ CAMPOS DE OXOSSE E OGUM.....	24
3 SANTA CEIA DE 7 ANOS DA CASA AMIGOS DA PAZ CAMPOS DE OXOSSE E OGUM EM 30/07/12.....	24
4 IMAGEM DE NOSSA SENHORA APARECIDA	32

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. A ESCRAVIDÃO E O TRÁFICO DE ESCRAVOS NO BRASIL.....	12
3. O SINCRETISMO RELIGIOSO.....	16
4. O SINCRETISMO RELIGIOSO AFRO CATÓLICO NO BRASIL.....	21
5. O SINCRETISMO RELIGIOSO SOBRE A FIGURA DA VIRGEM MARIA NAS RELIGIOES DE MATRIZ AFRICANA E UMA SIMPLES ABORDAGEM COM A FIGURA DE IEMANJÁ.....	31
6. CONCLUSÃO	37
REFERÊNCIAS.....	39

1 - INTRODUÇÃO

A diáspora, de modo especial a Africana, foco do nosso estudo, contribuiu para a mistura de povos e etnias, e sendo assim com esse encontro houve uma mistura de culturas, hábitos, costumes e crenças.

O sincretismo religioso faz parte do acervo cultural do povo brasileiro, nesta seara o mais ocorrente e abrangente é o sincretismo do catolicismo com as religiões de matriz africana.

Os Africanos no período de escravidão foram trazidos para diferentes partes do Brasil, em meio a sofrimentos que passaram enquanto eram transportados em grandes navios negreiros sendo tratados indignamente como mercadorias não como humanas. Trouxeram com eles toda uma história de vida, chegando ao país por eles desconhecidos, foram escravizados de todos os modos, inclusive na repressão quanto à manifestação de seus costumes.

A fim de preservarem suas raízes culturais em meio a um processo forçado de catequização, levando em conta que o catolicismo era a religião oficial da colônia e do império, eles se viram obrigados a adaptarem suas crenças aos moldes do Brasil, que tinha traços culturais e religiosos totalmente diferentes dos por eles vividos. Sendo assim com uma atitude única de viver seus modos reais de vida “maquiaram” seus hábitos, “vestindo uma roupa” diferente em suas crenças e costumes. Estudaremos aqui de modo especial as de cunho religioso.

Naquele momento, nascia o sincretismo religioso Afro-Brasileiro, onde tradições religiosas de matriz africana se entrelaçaram com o cristianismo, mais especificamente com o catolicismo.

Esse sincretismo tomou grandes dimensões e é mantido vivo até hoje. Inevitavelmente quem faça uma imersão pela literatura, cinema, produção televisiva ou teatral que trate de temas teatro que abordem aspectos da cultura popular brasileira em um momento ou outro se deparará com elementos plasmados no sincretismo religioso objeto do presente estudo.

Essa mistura de valores de religiões diferentes, incorporada no cotidiano do povo brasileiro, com menor ou maior concentração em determinados sítios

geográficos como a Bahia e o Rio de Janeiro, é decorrente, como se verá, de um artifício inteligente que os negros escravos se viram obrigados a desenvolver, para continuarem a cultuar suas entidades religiosas travestindo-as de santos católicos.

Buscaremos neste breve estudo tentar compreender diversos e diferentes pontos de vista acerca do processo denominado sincretismo religioso nas religiões Afro-Brasileiras realizando uma revisão de literatura baseada nos estudos dos principais estudiosos do tema bem como sua associação com os santos católicos e um marcante sincretismo sob a figura de Maria, mãe de Jesus no cristianismo, tendo importância significativa no ponto de vista dessas religiões carregando o estereótipo de mãe que cuida e zela.

2- A ESCRAVIDÃO E O TRÁFICO DE ESCRAVOS NO BRASIL

A escravidão não deve ser definida como um status, mas sim como um processo de transformação de status que pode prolongar-se uma vida inteira e inclusive estender-se para as gerações seguintes. O escravo começa como um estrangeiro [outsider] social e passa por um processo para se tornar um membro [insider]. Um indivíduo, despido de sua identidade social prévia, é colocado à margem de um novo grupo social que lhe dá uma nova identidade social. A estraneidade [outsidedness], então, é sociológica e não étnica (KOPYTOFF *apud* MARQUESE, 2006, p. 110).

O tráfico de escravos pode ser dividido em quatro ciclos/períodos sendo eles: 1º período denominado “Ciclo da Guiné” ocorrido durante a segunda metade do século XVI. 2º período chamado de “Ciclo de Angola e do Congo” no século XVII. O 3º período sendo “Ciclo da Costa da Mina” no século XVIII e por fim o 4º período o “Ciclo Golfo do Benin” no século XVIII a XIX.

O tráfico de escravos teria sido o maior e mais rentável negócio financeiro do mundo até os dias de hoje. Mesmo que as fontes sobre o processo de escravidão não sejam completas, sabe-se que foi um violento processo onde negros Africanos eram brutalmente vendidos e tratados como meros objetos trazidos em navios preparados para armazenar a carga humana. Negros de diversos cantos da África eram depositados como mercadorias a serem transportadas para seus destinos.

A escravidão foi muito mais do que um sistema econômico. Ela moldou condutas, definiu desigualdades sociais e raciais, forjou sentimentos, valores e etiquetas de mando e obediência. A partir dela instituíram-se os lugares que os indivíduos deveriam ocupar na sociedade, quem mandava e quem devia obedecer. Os cativos representavam o grupo mais oprimido da sociedade, pois eram impossibilitados legalmente de firmar contratos, dispor de suas vidas e possuir bens, testemunhar em processos judiciais contra pessoas livres, escolher trabalho e empregador. (ALBUQUERQUE, 2006, p. 68).

O autor Eric Williams mostrou-se horrorizado diante do contraste oferecido pelo espaço disponibilizado aos emigrantes brancos transportados nos navios ingleses, quando “cada trabalhador tinha direito a aproximadamente 60 centímetros de largura e 185 centímetros de comprimento na cama” (WILLIAMS, 1964, p.18).

Em oposição ao “espaço concedido a cada escravo na travessia do Atlântico” que “media 1,67 metros de comprimento por 40 centímetros de largura”, o que classificou como um “caixão de defunto” (WILLIAMS, 1964, p.40).

Esses escravos vinham de diferentes partes da África e do ponto de vista cultural podem ser dividido em dois grandes grupos sendo eles Sudaneses e Bantos. No Brasil inicialmente chegaram os Bantos e posteriormente os Sudaneses, não excluindo outros grupos africanos que também foram trazidos em menor proporção.

“Nos primeiros séculos do tráfico, chegaram ao Brasil preferencialmente africanos bantos, seguidos mais tarde pelos sudaneses cujo tráfico se acentuou a partir da queda do Império de Oió, destruído pelos fons Daomé e depois dominados pelos haussás.” (PRANDI, 2000, p. 54)

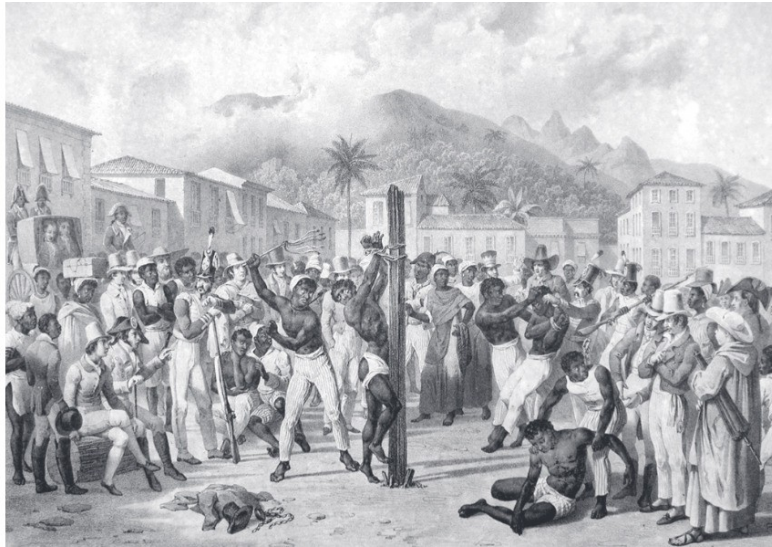
A mão de obra africana no Brasil era distribuída de diversas formas como os escravos do campo que eram postos para trabalhar, sobre tudo na agricultura e na mineração, mas também atuavam como escravos domésticos servindo aos donos de propriedades e suas famílias. Boa parte dos escravos do campo era alojada nas chamadas senzalas. Já os escravos urbanos por sua vez não viviam em senzalas mais sim executando atividades no comércio local ou em residências e também como escravos de ganho.

De acordo com Prandi (2000, p.55) sabe-se que o grosso das atividades agrícolas e mineradora, implantada havia mais tempo e espalhada por todo interior rural foi garantida pelos escravos bantos enquanto as atividades urbanas, mais recentes concentradas nas grandes capitais da costa, estariam mais estreitamente relacionadas aos sudaneses, devido basicamente às mudanças de fluxo da origem do tráfico na África nos diferentes momentos históricos que marcaram esta ou aquela atividade econômica no Brasil.

Os escravos foram distribuídos por todo Brasil tanto nos estados do Sudeste como São Paulo, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro, bem como nos estados do Nordeste e ali sobretudo em uma maior escala na Bahia, capital do país naquele contexto histórico. Em algumas partes do Brasil, o número de escravos chegou a superar o número de pessoas livres.

Os negros eram selecionados conforme alguns critérios privilegiando-se a escolha de escravos do sexo masculino, de boa estrutura dentária, porte físico, idade tendo predileção por jovens e sendo assim designados a cumprirem atividades específicas sempre sobre a direção de seus “donos” ou feitores.

Figura 01 - Castigo de escravos no pelourinho, Rio de Janeiro, década de 1820.



Fonte: Uma história do negro no Brasil / Wlamyra R. de Albuquerque, Walter Fraga Filho. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006 p.68.

O tráfico de escravos e a distribuição dos mesmos em diferentes senzalas ou fazendas levaram a formação de comunidades negras formadas em meio à desagregação familiar. A vida como escravo desfavoreceu a formação e consolidação familiar, pois os vínculos afetivos podiam ser separados pela venda para proprietários diferentes. A fim de sobreviver sob as condições de vida que se encontravam, os escravos e escravas buscaram criar relações sociais viviam. Essas relações tornaram-se essenciais para a transmissão da cultura, valores e religiosidades, nascendo ali sob forte influência da catequização católica, terreiros e irmandades.

Nesse contexto de escravidão os africanos para garantir sua sobrevivência nos cativeiros precisaram estabelecer vínculos com pessoas de diferentes lugares da África, sendo assim possível encontrar africanos trabalhando em conjunto com

crioulos e mulatos. Nas irmandades religiosas negras se encontravam escravos de etnias diversas cultuando o mesmo santo ou santa. (ALBUQUERQUE, 2006, p. 97).

Na segunda metade do século XIX a abolição da escravidão se intensificou no Brasil. O fim do tráfico de escravos ocasionaria o fim dos cativeiros em que até então muitos deles viviam, favorecendo então o fim da escravidão, iniciando ali uma busca em transformar os escravos em trabalhadores livres.

Desde meados do século XIX, a escravidão no Brasil vinha sofrendo transformações significativas. Deu-se o declínio acentuado da população escrava nas cidades por causa da transferência de cativos para as áreas rurais. Em algumas províncias do Norte e do Nordeste houve diminuição significativa da população cativa em decorrência da maior demanda de trabalho nas lavouras de café das províncias do Sudeste, principalmente Rio de Janeiro e São Paulo. Com isso, algumas províncias passaram a ter menos compromisso do que outras com a manutenção da escravidão. (ALBUQUERQUE, 2006, p. 175).

A partir, sobretudo de meados do século XIX, começa a ganhar força no Brasil o movimento abolicionista, que defendia o fim da escravidão. A influência deste movimento e advento de mão-de-obra européia de imigração levou finalmente à abolição da escravidão. Este processo ocorreu em diversas etapas e seu ato final foi à assinatura da chamada Lei Áurea, no ano de 1888, tornando a escravidão proibida no Brasil.

3 - O SINCRETISMO RELIGIOSO

De acordo com o dicionário da língua portuguesa a palavra sincretismo na vertente religiosa significa junção ou mistura de cultos ou de doutrinas religiosas distintas, atribuindo um novo sentido aos seus elementos: sincretismo religioso.¹

O sincretismo pode ser visto como um entrelace de culturas, costumes e religiosidades, situações onde a fusão muitas vezes não permite uma definição concreta, um misto entre diferentes identidades culturais e religiosas que em algum momento se cruzam, caminhando próximas tornando-se difícil distinguir certas diferenças. Nos estudos de Ferreti (1998, p.186) Nunes Pereira sugere o sincretismo como uma forma estratégia de sobrevivência do negro.

O sincretismo religioso pode ocorrer como forma de mascarar algumas necessidades acerca da religiosidade que acabam se entrelaçando formando algo novo entre duas ou mais religiões. Há relações sincréticas entre as igrejas pentecostais, neo-pentecostais, grupos espíritas kardecistas e Igreja católica e as religiões de matriz africana, no entanto bem antes disso já se observava relações sincréticas como o budismo e xintoísmo no Japão ou confucionismo e budismo na China.

Atualmente não é incomum encontrar cultos evangélicos regados ao som de atabaques, missas católicas ao rito africano, atendimentos em centro espírita kardecista com consulta a orixás, bem como a forte presença de elementos católicos nos rituais africanos, mães e pais-de-santo usando terço mariano acompanhado dos seus guias (colares), peji (altar/lugar sagrado) com a presença de imagens de santos e santas com berço do cristianismo.

Importante ressaltar que não devemos limitar as manifestações do sincretismo em mitologia, rituais e teologia. Há uma gama ainda maior como musicalidade, paramentos, vestimentas, simbologia, culinária e até mesmo intervenção na arte como na pintura.

De acordo com Ortiz, o sincretismo consiste em unir pedaços das histórias míticas de duas tradições diferentes em um todo que permanece ordenado por um mesmo sistema. (ORTIZ *apud* FERRETI, 1995, p.63).

¹ Disponível em: [https:// www.dicio.com.br](https://www.dicio.com.br). Acesso em: 05 nov. 2016.

A temática do sincretismo religioso divide muitas afirmações e teorias. Nina Rodrigues classifica o sincretismo como fusão e dualidade de crenças, sendo uma justaposição de idéias religiosas ou até mesmo uma equivalência de divindades, permitindo que o negro não renuncie a seus deuses e orixás ao mesmo tempo em que ele carrega uma profunda devoção a santos católicos. (FERRETI, 1995, p.15).

Outra teoria é a de Arthur Ramos que defendia o sincretismo do ponto de vista culturalista, sendo um resultado harmonioso de contatos culturais que acontecia sem conflitos, vindo de um processo de aculturação, tentando resolver uma situação de conflito social. “Será preferível chamarmos ao resultado harmonioso, ao mosaico cultural sem conflito, com participação igual de duas ou mais culturas em contato, de sincretismo.” (RAMOS, 1942, p. 41-42).

Segundo Waldemar Valente o sincretismo vem como alternativa para se resolver situações de conflitos culturais, provavelmente ocasionados por esse encontro de culturas, entendendo ele que aculturação e sincretismo seriam coisas distintas. (VALENTE *apud* FERRETTI, 1995, p.46-47).

Ferretti em suas contribuições para o estudo do sincretismo ainda aborda estudiosos como Melville Herskovits que defendente o sincretismo como uma forma de reinterpretação dos elementos de uma cultura, perfazendo um diálogo entre o velho e o novo. Ferretti cita as conclusões de Rene Ribeiro que analisa o fenômeno sob uma perspectiva de reinterpretação e ainda cita Tullio Seppilli, que considera o estudo da liturgia como uma considerável possibilidade de se compreender o sincretismo. (FERRETTI, 1995, p.48-50).

Bastide (1973, p. 182) partiu do princípio que o sincretismo não implicava em misturas ou identificações, mas sim em semelhanças e equivalências como um jogo de analogias e não como fusão, para ele não havia somente uma religião afro-brasileira mas várias que se assemelhavam, de acordo com seus estudos um candomblecista que afirma sua dupla pertença com o catolicismo não mente, pois as religiões não seriam opostas, mais sim diferentes.

O sincretismo deixa transparecer resíduos desta maneira de pensar. Não se trata de mistura ou identificações, o que seria um verdadeiro sincretismo, mas de semelhanças, equivalências e não identificações (por exemplo, entre orixás e santos.). Trata-se de um jogo de analogias. (BASTIDE, 1973, p.182)

Em contraposição à idéia de Bastide, Pierre Verger faz uma analogia do candomblé com o catolicismo dizendo que ambos são como água e óleo, impossível de se misturarem, opinião essa também de alguns pais e mães-de-santo que se opõem totalmente ao sincretismo como um todo (VERGER *apud* FERRETTI, 1995, p.57).

Outro ponto de vista foi de Ordep Serra que propõe o tema abordado como todo processo de estruturação de um campo religioso correlacionado com modelos míticos e litúrgicos ou gerando novos paradigmas de forma a gerar outro espaço intercultural.

[...] que se chame de 'sincretismo', em sentido estrito, a todo processo de estruturação de um campo simbólico-religioso 'interculturalmente' constituído, correlacionando modelos míticos e litúrgicos ou gerando novos paradigmas dessa ordem que assinalem expressamente outros [...] de maneira a ordenar novo espaço intercultural (SERRA, 1995, p. 197-198).

Josildete Consorte (1999, p.78) vê o processo de sincretismo como meio de inserção do negro na sociedade a fim de reconstruir uma identidade perdida no período de escravidão.

Outro estudioso acerca do assunto foi André Droogeres, trabalhando com a possibilidade do sincretismo possuir um duplo sentido, sendo o termo usado com significado objetivo de mistura de religiões (DROOGERES *apud* FERRETTI, p.183). Para Ferretti o sincretismo pode ser visto como característica do fenômeno religioso, sendo todas as religiões de cunho sincréticas onde o ideal de pureza seria uma construção ideológica se opondo a idéia do sincretismo que por sua vez lembraria "mistura". (FERRETTI, 2006, p. 114-117).

De acordo com os estudos de Ferretti (1995, p. 17), o sincretismo também se enquadra nas características da capacidade brasileira de relacionar coisas que parecem opostas.

Para amenizar problemas Ferreti propõe três variantes dos principais significados do conceito de sincretismo. Partindo de um hipotético caso zero de separação ou não, chega ao nível três, da convergência ou adaptação, passando por

dois níveis intermediários: a mistura, junção, ou fusão (nível um) e o paralelismo ou justaposição (nível dois). Dessa forma tecendo as seguintes distinções:

[...] existe convergência entre idéias africanas e de outras religiões, sobre a concepção de Deus ou sobre o conceito de reencarnação; [...] existe paralelismo nas relações entre orixás e santos católicos; [...] mistura na observação de certos rituais pelo povo-de-santo, como o batismo e a missa de sétimo dia, e [...] separação em rituais específicos de terreiros, como no tambor de choro ou axexê, no arrambamou no lorigum, que são diferentes dos rituais das outras religiões (FERRETTI, 1995, p.98).

Nossos estudos se baseiam principalmente no sincretismo Afro-católico que está o todo tempo em movimento sofrendo modificações constantes. Religiões instituídas de matriz africana como Candomblé, Batuque, Jurema (Catimbó), Umbanda ou práticas rituais como Jongo, Congado, Vissungo, Candombe, trazem traços católicos variados como práticas rituais, cantos, vestes.

Podemos citar exemplos claros como a devoção a Nossa Senhora do Rosário (que no cristianismo é um dos títulos dado á mãe de Jesus Cristo) no Congado, Reizado, e Candombe, outro exemplo é no Catimbó onde sobre uma mesa tida como altar se encontram a Jurema (Erva usada para o rito) ao lado de um rosário Mariano, e o charuto dos Caboclos juntamente do círio católico (vela que no cristianismo representa a Luz de Cristo).

Ainda como exemplo temos a associação de santos católicos com Orixás ou Vuduns. Veremos mais detalhadamente no próximo capítulo algumas associações sincréticas de santos católicos com Orixás cultuados principalmente no Candomblé.

Bastide (1960, p.363) traz em seus estudos uma analogia entre essas divindades e ressalta que há uma variação entre as correspondências de região para região geográfica ou até mesmo uma diferença entre épocas quando se trata de parâmetro para a comparação entre santos e orixás.

Andrade (2002, p. 47) traz o sincretismo como uma característica da religião em toda sua história, sendo uma condição constitutiva da religião enquanto prática e reflexão, fazendo uma analogia de como as religiões vão se moldando com a interferência dos elementos culturais como um todo que vão se encontrando através do fluxo migratório entre os povos no mundo todo.

As leituras nos levam a observar que há uma diversidade de embasamentos científicos acerca do assunto, mesmo com as diferentes opiniões dos autores que dedicaram os estudos a compreensão do sincretismo religioso, percebemos que o processo foi construído de acordo com um envolvimento de culturas que ao se cruzarem formam uma nova identidade cultural e religiosa trazendo traços de ambas as raízes.

4 - O SINCRETISMO RELIGIOSO AFRO CATÓLICO NO BRASIL

Iniciamos nosso texto no capítulo introdutório abordando a difícil e dolorosa chegada dos escravos no Brasil. Ali, nos navios negreiros era feito o transporte de humanos vindos de diversas partes da África que traziam consigo toda uma história de vida em meio a costumes e crenças.

Chegando ao território até então desconhecido os negros se deparam com uma realidade totalmente diferente da habitual, um país com o cristianismo aparentemente sendo a doutrina dominante ocasionando então de imediato um choque cultural.

Negros africanos que cultuavam, por exemplo, seus deuses denominados orixás, que buscavam suas forças no Axé, que entravam no transe em contato com seus Deuses embalados ao som de tambores e danças com expressões corporais se encontraram sob o domínio de brancos doutrinados na existência de um único Deus e na intercessão de santos e santas. Nascia ali um mecanismo de defesa, uma necessidade imediata dos negros africanos em criarem meios de resguardar seus traços culturais e religiosos. Como alternativa iniciou-se a utilização de práticas cristãs associadas aos costumes africanos.

O sincretismo religioso parece evidente, no Brasil, pela própria história do país. Nossos colonizadores portugueses sempre contaram em seus territórios com a presença de povos e procedências diversas, desde os romanos, na antiguidade e através de toda a Idade Média, com os chamados povos bárbaros e depois com os árabes e judeus, até a época dos descobrimentos foram formados depois com a distribuição das mais diversas culturas, precedentes do continente africano, que se somaram as numerosas nações indígenas encontradas em nosso vasto território. Assim o contato entre múltiplas culturas sempre foi característico de nossa sociedade, embora na maior parte do tempo, com predomínio da cultura branca dominante. (FERRETI, 2007, p.4)

De acordo com Ribeiro (2012, p.19) todas as mudanças ocorreram de modo único no Brasil; o catolicismo brasileiro, um dos maiores do mundo, assumiu ao longo da história traços característicos absorvidos das outras religiões com as quais coabitou o Brasil durante os últimos cinco séculos.

A origem desse sincretismo é atribuída normalmente ao mecanismo da dissimulação, do disfarce ao qual eram constrangidos os escravos: eles invocavam

as suas divindades sob o nome de santos católicos; dançavam suas danças sagradas como se fossem formas de diversão. Dessa maneira, fingiam abraçar a atitude cristã, porém, no íntimo continuavam religiosamente africanos. (BOFF, 1995, p.51). Para Ribeiro (2012, p.24) o sincretismo religioso no Brasil é um processo complexo e único no mundo.

O origem desse sincretismo é atribuída normalmente ao mecanismo da dissimulação, do disfarce, ao qual era constrangido o escravo: ele invocava suas divindades sob o nome dos santos católicos e dançavam as danças sagradas. Dessa maneira fingiam abraçar uma atitude cristã, porém no íntimo continuavam religiosamente africanos. No Brasil, os povos negros sofreram uma violência concentrada e da escravidão econômica no seu corpo e a proibição da sua cultura e da religião na sua alma. (BOFF, 1995, p.51).

Um agravante foi o fenômeno de “catequização forçada”. A igreja católica delegou aos senhores de engenho que introduzissem princípios cristãos junto aos escravos, que por sua vez conforme citamos acima chegaram ao Brasil com sua crença própria.

Esse processo de ensinamento religioso aos negros ocasionou certa rejeição por parte dos mesmos, processo esse favorecendo as relações sincréticas, que ali tiveram seu ponto forte inicial. Josildete Consorte atribuiu o sincretismo ao processo de inserção do negro na sociedade brasileira e, conseqüentemente ao da (re) construção da sua identidade. (CONSORTE *apud* FERRETTI, 2001, p.23).

De acordo com Peter Fry (1984, p.40), a polêmica demonstra que o conceito de ‘pureza’ e o seu oposto, a ‘mistura’ ou o ‘sincretismo’ são sempre construções essencialmente sociais e tendem a aparecer em ocasião de disputa de poder e hegemonia. O autor conclui que o sincretismo religioso remete a uma discussão mais ampla sobre o pensamento brasileiro em relação ao negro e à sua cultura.

Muniz Sodré acredita não haver verdadeiramente um traço sincrético do catolicismo brasileiro com os cultos negros, sendo sistemas incompatíveis (SODRÉ, 1988, p. 58).

As relações entre a Igreja Católica no Brasil e as religiões afro-brasileiras poderiam ser caracterizadas, de certa forma como um processo de longa duração e com isso de grande complexidade. (BERKENBROCK, 2012, p. 17)

A formação histórica do povo brasileiro explica um traço especial, ainda que não exclusivo, da atual cultura do Brasil: a sua forte tendência para o sincretismo. O “brasileirismo” pode caracterizar-se através de uma capacidade particular pela arte combinatória, por uma arguta capacidade de misturar, de mesclar tudo, de articular o um e o múltiplo, de trabalhar com a lógica da inclusão, enfim de privilegiar a diversidade, a variedade e a complementaridade. (BOFF, 1995, p.8)

O Brasil é um país onde grande número de pessoas se declaram católicas. De acordo com o IBGE os resultados do Censo Demográfico 2010 mostram o crescimento da diversidade dos grupos religiosos no Brasil. A proporção de católicos seguiu a tendência de redução observada nas décadas anteriores, embora tenha permanecido majoritária. Os católicos passaram de 73,6% em 2000 para 64,6% em 2010. Dados nos fazem concluir que o alto índice de católicos pode ser “maquiado” tendo como principal motivo fiéis não se assumirem verdadeiramente nas religiões que praticam. Mesmo com uma abordagem sincrética entre o catolicismo e as religiões de matriz africana muitos hoje possuem grande dificuldade em se assumirem.

Nas últimas décadas verificou-se uma notável reaproximação de populações de origem africana dos cultos e elementos subjacentes à sua cultura. Os portões foram escancarados após a perda da estrutura rural que sustentava a religiosidade popular católica. Contemporaneamente, foi intensificado o processo de descriminalização das expressões culturais afro-brasileiras. (SOARES, 2002, p.63).

Atualmente quase a metade da população brasileira (43%) é negra ou mestiça. Em algumas regiões, o coeficiente de sangue negro é particularmente mais alto como no Rio de Janeiro e em Salvador. O negro está no percentual de 70% em Salvador e no Recôncavo baiano. São os pontos exatos onde mais se desenvolvem os cultos afro-brasileiros. (BOFF, 1995, p.49).

Com o passar dos anos entre o contato das duas culturas os negros passaram por um processo de aceitação quanto à convivência dos santos católicos em relação com as divindades africanas, chegando mesmo a considerarem, em alguns casos, que estes faziam parte do mesmo universo religioso (RIBEIRO, 2012, p.13), iniciando então um sincretismo profundo entre catolicismo e crenças

africanas. No fim do século XIX resultando numa nova religião totalmente brasileira, que perfaz essa mistura de estas crenças: a Umbanda.

Surge em 1930 no Rio de Janeiro, a partir do Candomblé, a Umbanda, religião tipicamente brasileira. Assim como o candomblé, a umbanda também cultua os orixás. Mas os umbandistas representam essas divindades com imagens diferentes, além de cultuarem outros três espíritos, o preto-velho, o caboclo e a pomba-gira. (RIBEIRO, 2012, p.21-22).

Figura 02 - Casa Amigos da Paz-Campos de Oxossi e Ogum em Leopoldina-MG



Fonte: Foto cedida pela mãe de Santo da casa.

**Figura 03 - Santa Ceia-festa de 7 anos da casa em 30/07/2012
(Casa Amigos da Paz-Campos de Oxossi e Ogum em Leopoldina-MG)**



Fonte: Foto cedida pela mãe de Santo da casa.

Para Kloppenburgo africano, quando se torna cristão, não se renega a si mesmo, mas retoma os antigos valores da tradição em espírito e em verdade. Nós,

porém, porque éramos europeus, ocidentais, da Igreja latina, do rito romano; nós que cantávamos ao som do órgão e rezávamos ajoelhados em santo silêncio; nós que éramos incapazes de imaginar uma dança sacra ao toque dos tambores; nós queríamos que o africano, só porque morava ao nosso lado, deixasse de ser africano, adotasse uma mentalidade européia e ocidental, se integrasse na Igreja latina, rezasse pelo rito romano, cantasse a som e ritmo solene do órgão, abandonasse o batuque, o ritmo, a dança, a oração movimentada. Era o etnocentrismo total e orgulhoso dos europeus e da Igreja que vinha da Europa. Mas o negro, quando se tornou livre, não mais aceitou nosso rito, não mais se comoveu com o nosso harmônio, não mais falou em nossos conceitos, voltou ao terreiro, ao tambor, ao ritmo de sua origem e aos mitos de sua linguagem. Da profundidade do seu ser, onde, vivos e inquietos, palpitávamos arquétipos religiosos das gerações anteriores, irrompeu a velha tradição religiosa da África negra. E nasceu a umbanda no Brasil (KLOPPENBURG *apud* SOARES, 2002, p. 410). Atualmente o sincretismo está tão presente e crescente, não se limitando a raiz negra africana que busca preservar suas raízes freqüentando terreiros, deixando então de ser somente uma religião de cunho de preservação de identidade étnico cultural. Há um significativo número de adeptos indo com freqüência a terreiros, fazendo ali rituais, buscando forças no Axé e aliados a isso são batizados na igreja católica, adeptos de missa semanal, devotos de santos que fazem novenas e rezam ladainhas. É muito comum se ver em fachadas de entrada de terreiros de Candomblé uma cruz, símbolo cristão que remete à morte e ressurreição de Cristo e ao mesmo tempo acabana de morada de Exu, remetendo altamente a um sincretismo.

No Brasil há vários exemplos de sincretismo como a festa da Irmandade de São Benedito que acontece anualmente em Aparecida-SP que recebe peregrinos entre os católicos alguns praticantes de religiões de matriz africana para a grande festa. Lembramos também da festa de Nossa Senhora dos Navegantes, onde a Virgem Maria é recebida às margens de diversos rios pelo país por fieis de religiões inclusive de matriz africana.

Já no Maranhão o sincretismo acontece no Tambor-de-Mina onde nas festas e rituais os vuduns são comparados aos santos católicos. No Maranhão, as crenças

católicas dos negros têm muito em comum com modelos e atitudes religiosas africanas. (COSTA, 1948, p.49).

Na região da Amazônia, o sincretismo está muito associado com práticas xamanísticas de pajelança cabocla. Há ali um entrelaçamento entre raízes indígenas, africanas e católicas. Nesses exemplos, o sincretismo acontece de diferentes formas sobre todo o território brasileiro. Em Pernambuco o culto afro-brasileiro marcante é o Xangô, também trazendo traços ligados ao sincretismo.

Citaremos aqui uma analogia feita por Bastide (1960, p.372) em seus estudos acerca de associações entre Deuses Africanos com santos católicos. Percebemos claramente a variação de região para região e até mesmo variação entre épocas. É comum encontrar terreiros que associam um orixá a determinado santo e outro que faz uma associação do mesmo orixá com outro santo, entre vários fatores o proposto pelo estudioso seria o isolamento cultural.

As correspondências nascem e morrem conforme as épocas. (BASTIDE, 1960, p.371). A variabilidade vai, às vezes tão longe que as correspondências mudam mesmo quando se passa de um lugar de culto a outro. (BASTIDE, 1960 p.372)

Correspondências entre Orixás e Santos Católicos:

Estado	Orixá: Oxalá / Santo de correspondência
Bahia	Santa Ana, Nossa Senhora do Bomfim, Menino Jesus
Recife	Espírito Santo, Pai Eterno, Santíssima Trindade Santa Ana, Nossa Senhora do Bomfim
Alagoas	Nossa Senhora do Bomfim e Pai Eterno
Porto Alegre	Espírito Santo e Coração de Jesus
Rio de Janeiro	Deus, Santa Ana, Nossa Senhora do Bomfim e Santa Bárbara
Estado	Orixá: Ogum / Santo de correspondência
Bahia	Santo Antônio e São Jerônimo
Recife	São Paulo, São João e São Jorge
Alagoas	São Roque, São Jorge

Porto Alegre	São Jorge
Rio de Janeiro	São Jorge
Estado	Orixá: Oxocê-Ode / Santo de correspondência
Bahia	São Jorge e São Miguel Arcanjo
Recife	São Jorge, São Miguel Arcanjo, Santo Expedito e Santo Antônio
Alagoas	São Jorge
Porto Alegre	São Miguel as e as Almas, Santo Onofre, São Sebastião, São Roque, Santa Ifigênia, Nossa Senhora do Rosário
Rio de Janeiro	São Sebastião
Estado	Orixá: Exu-Legbá / Santo de correspondência
Bahia	Diabo
Recife	Diabo, São Bartolomeu, O anjo rebelde, São Gabriel
Alagoas	Diabo
Porto Alegre	Santo Antônio e São Pedro
Rio de Janeiro	Diabo e Santo Antônio
Estado	Orixá: Iansã-Oia / Santo de correspondência
Bahia	Santa Bárbara
Recife	Santa Bárbara
Alagoas	Santa Bárbara
Porto Alegre	Santa Bárbara
Rio de Janeiro	Santa Bárbara
Estado	Orixá: Ibeji / Santo de correspondência
Bahia	São Cosme e São Damião, São Crispim, São Cipriano.
Recife	São Cosme e São Damião
Alagoas	São Cosme e São Damião

Porto Alegre	São Cosme e São Damião
Rio de Janeiro	São Cosme e São Damião

Fonte: Adaptado de Bastide (1960, p. 364-369)

Abordamos acima somente algumas comparações resultado dos dados coletados por Bastide. Há muitos outros orixás que correspondem a santos católicos que não foram aqui citados.

Para Ferreti (1995, p.73) o sincretismo desempenha a função de complementar aspectos fragmentários da mitologia.

Ainda podemos citar outras vertentes do sincretismo. A cultura e religiosidade Africana quando se adaptou a terras brasileiras para se manter “viva” teve que seguir os moldes do país, dessa forma o calendário de datas comemorativas africanas foi obrigado a se adaptar ao calendário brasileiro.

Assim até hoje ainda muitos terreiros não realizam nenhuma batida de atabaque e dança no período católico da quaresma. (BERKENBROCK, 2016)

Abaixo veremos as datas comemorativas de alguns orixás no Brasil que normalmente fazem a correspondência da data comemorativa do santo a qual é sincretizado.

Datas Comemorativas de Orixás

Orixá	Data Comemorativa
Ogum	23/04
Iansã	04/12
Nanã	26/07
Ibeji	27/07

Fonte: <http://www.juntosnocandomble.com.br/2013/09/calendario-de-todos-orixas-e-suas-datas-comemorativas.html>

Data de acesso: 01/11/2016

Há ainda diversas manifestações culturais acerca do sincretismo religioso no Brasil, até mesmo gravações de canções sobre vozes de cantores populares

consagradas a música brasileira. Veremos abaixo duas letras de canções que abordam o assunto estudado.

A primeira delas é chamada “Sincretismo Religioso” de autoria do cantor Martinho Da Vila e a segunda tem o nome de “Sincretismo” de autoria de Sérgio Santos.

“Sincretismo Religioso”

Compositor: Martinho da Vila

“Saravá, rapaziada! - Saravá !
 Axé pra mulherada brasileira! - Axé!
 Êta, povo brasileiro! Miscigenado,
 Ecumênico e religiosamente sincretizado
 Ave, ó, ecumenismo! Ave!
 Então vamos fazer uma saudação ecumênica
 Vamos? Vamos!
 Aleluia - aleluia!
 Shalom - shalom!
 Al Salam Alaikum! - AlaikumAl Salam!
 Mucuiu nu Zambi - Mucuiu!
 Ê, ô, todos os povos são filhos do senhor!
 Deus está em todo lugar. Nas mãos que criam, nas bocas que cantam, nos
 corpos que dançam, nas relações amorosas, no lazer sadio, no trabalho
 honesto.
 Onde está Deus? - Em todo lugar!
 Olorum, Jeová, Oxalá, Alah, N`Zambi. . . Jesus!
 E o espírito Santo? É Deus!
 Salve sincretismo religioso! - Salve!
 Quem é Omulu, gente? - São Lázaro!
 Iansã? - Santa Bárbara!
 Ogum? - São Jorge!
 Xangô? - São Jerônimo!
 Oxossi? - São Sebastião!
 Aioká, Inaê, Kianda - lemanjá!
 Viva a no Nossa Senhora Aparecida! - Padroeira do Brasil!
 lemanjá, lemanjá, lemanjá, lemanjá
 São Cosme, Damião, Doum, Crispim, Crispiniano, Radiema. . .
 É tudo Erê - Ibeijada
 Salve as crianças! - Salve!
 Axé pra todo mundo, axé
 Muito axé, muito axé
 Muito axé, pra todo mundo axé
 Muito axé, muito axé
 Muito axé, pra todo mundo axé
 Energia, Saravá, Aleluia, Shalom,
 Amandla, caninambo! - Banzai!
 Na fé de Zambi - Na paz do senhor, Amém!”

“Sincretismo”

Compositor: Sérgio Santos

O negro religioso
 Dentro de casa tem seu congá
 Porém desde o cativoiro
 Mudou de nome seu Orixá
 E assim Dona Janaína
 É Nossa Senhora da Conceição,

Oxum é a das Candeias,
Oxossi é São Sebastião
Saravá
Meu santo,
Amém.
São Roque é Obaluaiê
Como Santa Bárbara é lansã,
São Lázaro é Omolu,
São Jorge é Ogum, Santana é Nana
E assim São Bartolomeu é Oxumaré,
São Pedro é Xangô,
Obá é Joana D'Arc
E Pai Oxalá é Nosso Senhor
Saravá
Meu santo,
Amém.

Boff (1995, p. 8) entende que este processo sincrético ainda está em pleno curso. Trata-se, com efeito, não tanto de um “sincretismo proveniente”, ou seja planejado, constituinte da cultura brasileira presente ainda hoje, como um especial crisol religioso.

Os estudos acerca da diversidade religiosa e os processos de sincretização nos mostram que com o passar do tempo se torna ainda mais difícil o ideal de pureza religiosa, como já citamos aqui em outros momentos que é muito comum que uma pessoa tenha o hábito de missa de domingo e uma gira dia de sexta-feira por exemplo para consulta com orixás e guias, mesmo que muitas vezes em segredo por motivos diversos como intolerância religiosa e preconceito. As canções acima nos mostram o autor se referindo a divindades africanas e a santos católicos como se fosse impossível separá-los.

5- O SINCRETISMO RELIGIOSO SOBRE A FIGURA DA VIRGEM MARIA NAS RELIGIOES DE MATRIZ AFRICANA E UMA SIMPLES ABORDAGEM COM A FIGURA DE IEMANJÁ

No capítulo anterior buscamos a compreensão do sincretismo religioso no Brasil bem como algumas de suas manifestações. Aqui estudaremos o sincretismo associado à figura de Maria, mãe de Jesus no Cristianismo e como sua presença é manifestada sob o olhar das religiões de matriz africanas. Boff (1995, p. 8) afirma que a razão para qual se compreender a figura de Maria no Brasil é que o conteúdo sempre toma a forma do recipiente.

No Brasil a devoção Mariana chegou através dos portugueses que durante o processo de colonização trouxeram de forma muito forte essa devoção para a então colônia. O Brasil herdou da colônia portuguesa uma profunda devoção a Virgem Maria que de acordo com Boff (1995, p.16) acabou fazendo parte da alta política do estado, tornando-se um ponto de referência. Os missionários envolvidos no processo de catequização dos povos encontrados no Brasil os doutrinaram com uma profunda devoção a Virgem Maria.

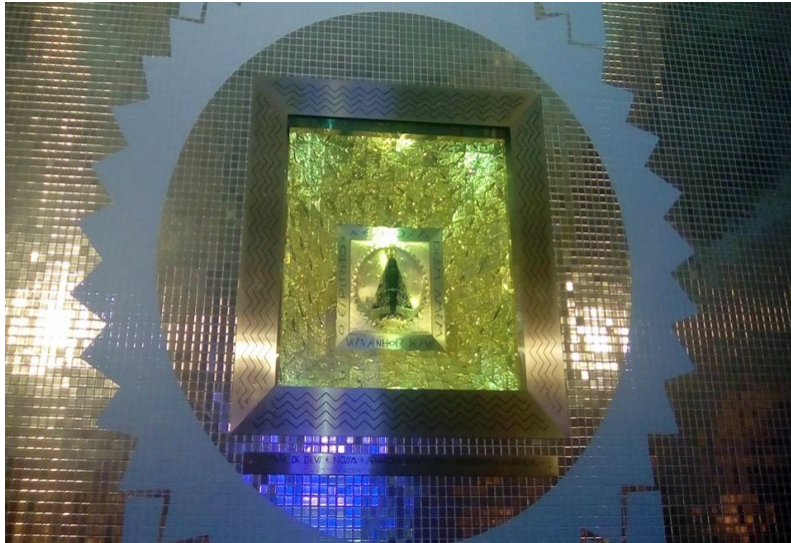
A primeira igreja construída no Brasil, por volta do ano de 1535, no litoral de Boipeba (Bahia), muito provavelmente foi dedicada à Virgem, sob o título de Nossa Senhora das Graças. (BOFF, 1995, p. 13)

No cristianismo que usa a Bíblia como livro sagrado e de referência para seus dogmas a figura de Maria é apresentada em diversos textos como: Bodas de Caná (João 2,1-12) na paixão (João 19,25-27), após a ressurreição (Atos 1,12-14).

No cristianismo a Virgem Maria teve um estereótipo materno que exhibe a principal característica de luta, cuidado, benfeitora e veladora pelos seus filhos (Jesus dado por Deus e toda humanidade dado pelo próprio Jesus no alto da cruz). Sendo assim o mesmo acontece quando estudado seu perfil nas religiões de matriz africana.

No Brasil a devoção Mariana de maior representatividade popular é sobre o título da “Mãe Aparecida”.

Figura 04 - Imagem de Nossa Senhora Aparecida



**Fonte: Acervo pessoal do autor retirada em Basílica Nova de Aparecida do Norte-SP
Data: 11 de novembro de 2016**

A própria construção do santuário de Aparecida, santa católica, cuja pele ela de cor negra contou com a participação visível de negros. Boff (1995, p. 39) afirmou que o primeiro a ser favorecido com uma graça da santa foi um escravo. Dessa forma esta totalmente associada: Aparecida=Brasil Negro. Essa associação tornou-se ainda mais forte quando o primeiro milagre da santa após a pesca milagrosa beneficiou justamente a um negro.

Nesse contexto Boff (1995, p. 43) afirma que foram os escravos ordenados por sua senhora que construir, a capela, sendo eles ofertados como doações aos santuários e serviços, e mais, esses santuário seriam a única forma de alfabetizar o povo negro que vivia naquela época.

Até o momento estamos buscando a compreensão da devoção Mariana no Brasil, principalmente quando atrelada ao título mais importante para o nosso país. A construção dessa devoção acaba se entrelaçando com o processo sincrético relacionando a Virgem Maria com outra religião, a afro nosso foco de estudo. Vejamos atentamente a contribuição de Boff (1995, p.44) por causa da identificação Aparecida = Brasil-afro, foi favorecido o processo de sincretismo de Maria com uma ou outra deusa das religiões afro-brasileiras (como Oxum e Iemanjá).

Aqui assinamos o quanto é espontâneo na cultura brasileira a identificação da mãe de santo, sacerdotisa afro-brasileira, com a grande Mãe de Deus por causa da

comum e de uma análoga função espiritual, do tipo mediacional materno. (SILVERSTEIN *apud* BOFF, 1995, p. 45)

O título que também traz a muita devoção Mariana pelos povos e crença de origem africana é a Nossa Senhora do Rosário o principal. Relato acerca dessa devoção ocorre na Costa Africana onde a imagem da Nossa Senhora do Rosário teria aparecido nas águas do mar. Os homens brancos teriam ficado impressionados e feito homenagens para vê-la sair das águas, mas não obtiveram nenhum sucesso. Foi quando então, pediram ajuda aos negros, que ao tocarem e dançarem a santa prontamente veio para a praia tornando-se protetora dos negros reprimidos.

Atualmente sua devoção em Confrarias e irmandades está localizada e Minas Gerais e Pernambuco trazendo consigo uma profunda intimidade com cerimônias de coroação dos Reis negros.

Outras manifestações que podemos encontrar o sincretismo com à santa nos cultos africanos são o Reizado, Congado e Candombe onde a presença de Nossa Senhora do Rosário é muito marcante. Há ainda seu sincretismo com a figura feminina das tribos indígenas, a Iara.

No entanto a maior associação de Maria com as religiões de matriz africana está na figura de Iemanjá, entidade feminina da tribo ioruba, cuja cultura desenvolveu-se na Costa dos escravos.

Iemanjá é uma figura muito central na religião ioruba e com certeza a divindade feminina mais importante naquele panteão. É a protetora das religiões afro-brasileiras, mãe por excelência. Segundo um mito controvertido, Iemanjá é mãe dos "orixás"-divindades que personificam as forças da natureza e ao mesmo tempo estruturas mentais, que se incorporam nos fiéis durante o culto. (BOFF, 1995, p.54)

Os africanos trouxeram consigo Iemanjá para o Brasil, especialmente para a Bahia, onde a mãe-d'água é a resultante de um sincretismo mítico, em decorrência a três orixás iorubas, Oxum, Nana e principalmente Iemanjá. (RAMOS *apud* IWASHITA, 1991, p. 32). O mito Iemanjá sofreu inúmeras metamorfoses, segundo (RAMOS, 1979, p.191) os grandes relatos orais míticos iorubas não sobreviveram aos seus detalhes, persistindo o fundo emocional. Essencial para o culto de Iemanjá que sofreu modificações quando chegou ao Brasil, sendo muito confundido com o

culto mãe-d'água ou sereia européia passando a ser representada como sereia do Mar, Rainha do Mar ou ainda Janaina, Dona Maria entre outros nomes.

Nesse contexto, onde os africanos após sua dolorosa passagem pelos navios negreiros se encontraram com os brasileiros, como já vimos em capítulos anteriores, que eram em sua grande maioria de crença católica, deu-se então uma aproximação de Iemanjá com Nossa Senhora da Conceição e com Nossa Senhora das Candeias respectivamente festejadas em 08 de dezembro e 02 de fevereiro.

Iemanjá tem atributos e características próprias que observaremos no quadro abaixo adaptado de Boff (1995, p.54-55).

Maternidade	Tida como a grande mãe com atributos materna sendo uma excelente figura cuidadora.
Proteção	Sendo defensora de toda forma de vida, protegendo e concedendo saúde.
Sedução	Fascinante, sensual e caprichosa.

Fonte: Adaptado de Boff (1995, p.54-55)

Nas religiões afro-brasileiras manifestadas ao culto de Iemanjá no Brasil ela carrega alguns traços específicos e relevantes pontuados abaixo:

Saudação a Iemanjá: Odoiá, Odo Siaba!

Dia da semana dedicado a comemoração: Sábado.

Data comemorativa anual: 2 de fevereiro.

Metais dedicados a Iemanjá: prata e prateados.

Cores preferidas : azul, verde água, branco e prata transparente.

Símbolos e instrumentos : abebé prateado, alfange, agadá, obé, peixe, couraça, adê, braceletes, e pulseiras.

Comidas dedicadas a Iemanjá: manjar branco, acaçá, peixe de água salgada, bolo de arroz, ebôya, ebô, Díbo e vários tipos de furá.

Arquétipo dos seus filhos: fortes, rigorosos, protetores, solidários em extremo, caridosos, ingênuos, amigo, tímido, altivos, temperamentais, as vezes impetuosos e dominadores.

De acordo com Iwashita (1991, p.95) nas invocações dirigidas a mãe Iemanjá, vem expressa a confiança amorosa na divindade maternal, que é ao mesmo tempo a Senhora do mar e a mãe do crucificado.

A Virgem Maria Santíssima, mãe de Cristo crucificado possui uma identificação comum com a deusa africana Iemanjá. Atualmente é feita uma sincretização com diversos títulos de Maria, acima já citamos dois, veremos agora todas as associações:

Título Mariano	Data comemorativa
Nossa Senhora da Conceição	08 de dezembro
Nossa Senhora da Glória	15 de agosto
Nossa senhora da Candelária	02 de Fevereiro
Nossa Senhora dos Navegantes	02 de fevereiro
Nossa Senhora das Dores	15 de setembro
Nossa Senhora Aparecida	12 de outubro

Fonte: Adaptado de Boff (1995, p.56)

Descreveremos abaixo uma oração dedicada a Nossa Senhora dos Navegantes encontrada em um livro dedicado a Iemanjá.

Ave Estrela do Mar, Virgem poderosíssima, Mãe e advogada de todos os que navegam no mar proceloso da vida. A vossa valiosa proteção confiou-nos o Vosso Divino Filho, para serdes nosso guia, protetor, consolo e alento durante a nossa vida terrestre. Refugiamo-nos cheios de confiança debaixo do Vosso manto maternal. Sede-nos guia, sede-nos farol, sede-nos sempre a brilhante Estrela do Mar que nos oriente, a fim de que nunca pereçamos nem nos desnorteamos da rota segura que nos levará ao porto da eterna bem aventurança, onde em companhia vossa, do Vosso Divino Filho e de todos os santos gozemos a serenidade da vida em Deus para sempre. Assim seja. (MOLINA *apud* WASHITA, 1991, p. 98).

Boff (1995, p. 59) afirma que institucionalmente em respectivos cultos não há confusão: Maria é Maria e Iemanjá é Iemanjá. Ponto de vista também encontrado em Iwashita (1991, p. 105) afirmando que a nível de doutrina dos chefes do terreiro, Iemanjá não assimilou nada com Maria Santíssima, sendo uma homologação puramente conceitual. Mesmo com essas afirmações vemos claramente uma devoção acentuada por praticantes das religiões de matriz africana a santa católica.

Estudos de Iwashita (1987, p.318-364) demonstram que dogmaticamente Maria e lemanjá são distintas onde Maria representaria a versão celeste de “luz”, do arquétipo feminino sendo boa mãe, mulher que salva, e lemanjá a vertente da sombra, mãe que se torna má, mulher sedutora. Para o autor Maria é a luz que falta em lemanjá e, esta, é a sombra que falta e Maria.

Para Boff (1995, p.63) há duas vertentes sobre a sincretização Maria X lemanjá, com o ponto de vista negativo julgando a sincretização como uma degradação a imagem da figura da Imaculada e o ponto de vista positivo preferindo um sincretismo cristão em vez de um paganismo puro, onde uma lemanjá “marianizada” constituiria uma grandeza moral mais elevada, a luz de Maria penetraria sobre as sombras de lemanjá, sendo assim a figura Mariana exerce sobre lemanjá a um efeito de fermentação espiritual.

Tornou-se visível esse entrelaçamento de Maria Santíssima nas diferentes vertentes dos cultos de matriz africana, muito comum encontrar praticantes dessas religiões com enorme fé e devoção em Maria, associando ou não ela a lemanjá ou outra de grande representatividade feminina.

6- CONCLUSÃO

O sincretismo religioso é um tema que vai muito além de impasses religiosos entre diferentes crenças, atingindo a sociedade como um todo estando ligado às relações de comunicação entre grupos sociais heterogêneos, com diferentes culturas, costumes e tradições.

Caracterizamos esse processo com a fusão de diferentes doutrinas ocasionando a formação de uma nova, seja de caráter filosófico, cultural ou religioso, mantendo características como sejam rituais, superstições, processos, ideologias das doutrinas-base.

Tratando-se de África e Brasil os escravos foram extremamente torturados e oprimidos durante todo processo de escravidão. Ao chegarem em terras brasileiras sofriam na carne as dores de serem escravizados por seus senhores e na alma com perda da essência de sua identidade em vários aspectos entre eles culturais e religiosos.

Nesse processo suas raízes se encontraram com os costumes brasileiros, dessa forma a religião dominante denominada candomblé cruzou-se com o catolicismo, que era a religião predominante do povo brasileiro.

Desse entrelace, nasceu o sincretismo afro-brasileiro ocasionando uma associação entre orixás (deuses africanos) com santos católicos, uma vez que os negros precisavam disfarçar suas crenças. Dessa forma o sincretismo religioso acaba ocorrendo na própria dinâmica da história.

No decorrer dos estudos percebemos que nas senzalas, o sincretismo ocorreu numa tentativa dos negros de mascararem suas crenças usando paradigmas católicos, eles cultuavam imagens católicas, mas sob essas devoções na verdade adoravam os deuses africanos. Partindo do Candomblé puro dessa forma originou-se no Brasil uma religião que mistura elementos da religiosidade africana e brasileira, a Umbanda

Podemos também concluir que atualmente o Brasil tornou-se essencialmente sincrético, tornando muitas vezes difícil desmembrar esses laços culturais e religiosos criados, onde grande número de pessoas freqüentam terreiros e ainda sim

carregam consigo devoções cristãs como culto a Virgem Maria e outros santos, trazendo também trações na dança, cânticos e culinária. Essa associação divide opiniões entre cristãos, praticantes da religião afro-brasileira e até mesmo cientistas que buscam compreensão entre o sincretismo.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Wlamyra R. de.; FRAGA FILHO, Walter. **Uma história do negro no Brasil**. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

ANDRADE, Maristela. **500 anos de catolicismos e sincretismos no Brasil**. João Pessoa: Editora Universitária, 2002.

BASTIDE, Roger. **Estudos Afro-Brasileiros**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1973.

BASTIDE, Roger. **As Religiões Africanas no Brasil**. Contribuição a uma Sociologia da Interpenetração de Civilizações. São Paulo: Pioneira, 1971.

BÍBLIA, Português. **Bíblia Sagrada**. 25. ed. Trad. de Centro Bíblico Católico. São Paulo: Ave Maria, 1978.

BOFF, Clodovis. **Nossa Senhora e Iemanjá**. Petrópolis: Vozes, 1995.

BREKENBROCK, V. **As relações da igreja católica com as religiões afro-brasileiras anotações sobre uma dinâmica**. Religare. Juiz de Fora, v. 9 (1), p. 17-44, março de 2012.

BREKENBROCK, V. **Candomblé: relações étnico-raciais na escola**. Disponível em: <http://volney-berkenbrock.com>. Acesso em: 05 novembro 2016

CONSORTE, Josildeth G. "Em Torno de um Manifesto de Ialorixás Baianas contra o Sincretismo", CAROSO, C. & BACELAR, J. (Org.), 1999, pp. 71-91

FERRETTI, Sérgio. **Repensando o Sincretismo**. São Paulo/São Luís. Editora: EDUSP/ FAPEMA, 1995.

FRY, Peter. **Para inglês ver-identidade e Política na cultura brasileira**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

IWASHITA, Pedro. **Maria e Iemanjá: análise de um sincretismo**. São Paulo: Paulinas, 1991.

MARQUESE, Rafael. **A dinâmica da escravidão no Brasil. Resistência, tráfico negreiro e alforrias, séculos XVII a XIX**. Editora: CEBRAP São Paulo, no. 74. 2006

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos Orixás**. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 2000.

RAMOS, Arthur. **A Aculturação Negra no Brasil**. São Paulo: Nacional, 1942.
_____. **O negro brasileiro**. Recife: Massangana, 1988.

RIBEIRO, Josenilda. **O sincretismo religioso no Brasil: Uma análise histórica das transformações no catolicismo, evangelismo, candomblé e espiritismo**. Trabalho

apresentado à disciplina de história da cultura brasileira-Universidade Estadual de Pernambuco, Recife-PE, 2012.

SERRA, Ordep. **Águas do Rei**. Petrópolis: Vozes/Koinonia, 1995.

SOARES, Afonso Maria Ligorio. Sincretismo afro-católico no Brasil: Lições de um povo em exílio. **Revista de Estudos da Religião**, São Paulo, v.3, n.4, p. 15-21, out 2006.

SODRÉ, Muniz. **O Terreiro e a Cidade**. A forma social negro-brasileira, Petrópolis: Vozes, 1988.

WILLIAMS, Eric. **Capitalismo e Escravidão**. Rio de Janeiro: Companhia Editora Americana, 1964.